

## A CADEIA PRODUTIVA DE SOJA E O DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO E REGIONAL NO BRASIL<sup>1</sup>

**José Eustáquio Ribeiro Vieira Filho**

Técnico de planejamento e pesquisa na Diretoria de Estudos e Políticas Regionais, Urbanas e Ambientais do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea); professor do Programa de Pós-graduação em Políticas Públicas do Ipea; e colunista do canal Agromais TV. *E-mail:* jose.vieira@ipea.gov.br.

DOI: <http://dx.doi.org/10.38116/td3042-port>

A produção de soja é central no desenvolvimento econômico do Brasil. O cultivo deste grão foi capaz de construir uma complexa cadeia produtiva, que engloba a produção primária, a transformação industrial, bem como a produção de carnes em geral. Em todos os elos da cadeia, o país exporta muito, mas também internaliza grande parte do consumo.

Para impulsionar a agricultura tropical, a cooperação internacional da Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (Embrapa) foi chave nesse processo. Diferentes organismos internacionais promoveram forte transferência de conhecimento e tecnologia. Ao contrário do senso comum, o crescimento do agronegócio brasileiro se deu por meio da transformação e geração de novos conhecimentos aplicados aos problemas locais, dependendo muito pouco da revolução verde, que representou a intensificação dos insumos modernos no mundo.

Como instituições estrangeiras que colaboraram nessa dinâmica de cooperação técnico-científica, é possível citar o apoio americano com o seu Departamento de Agricultura (Usda), os diversos acordos assinados com os franceses, entre o Instituto Nacional de Pesquisa Agrônômica (Inra), o Centro Internacional de

Pesquisa Agrônômica para o Desenvolvimento (Cirad) e o Instituto de Pesquisa para o Desenvolvimento (IRD), bem como uma estratégica parceria com os japoneses, por meio da Agência de Cooperação Internacional do Japão (Jica).

A parceria nipo-brasileira consistiu em criar programas de cooperação técnica e financeira para o fomento da atividade agrícola no Cerrado. Ao contrário das outras parcerias, a cooperação internacional com o Japão foi conjunta, envolvendo transferência de recursos financeiros, mobilidade de agentes de pesquisa nos dois países, bem como a construção de infraestrutura de pesquisa e a definição de objetivos comuns.

À época, o Japão sofria embargo econômico na importação de soja dos americanos e seria preciso criar alternativas na importação do grão. O Brasil se mostrou como aliado estratégico. Em 1977, criou-se o Programa de Cooperação Nipo-Brasileira para o Desenvolvimento dos Cerrados (Prodec), que foi dividido em três etapas: um programa-piloto em Minas Gerais, que durou até 1985; um programa mais amplo, o qual envolveu outros estados, além de Minas Gerais, como Mato Grosso do Sul, Mato Grosso e Bahia, indo até 1992; e, por fim, um programa que incorporou regiões do Maranhão e do Tocantins até 2001.

1. O autor faz agradecimento especial à Zenaide Ferreira Rodrigues por auxiliar na compilação dos dados aqui apresentados.

# SUMEX

Se no início havia muitos questionamentos sobre a viabilidade da produção no Cerrado, ao final ficou provado que seria possível produzir. A tropicalização dos cultivos e a correção da acidez do solo foram essenciais ao incremento produtivo neste bioma. Em 1970, a produção de soja era de apenas 1,9 milhão de toneladas. Em 1990, já era dez vezes maior. Em 2022, a safra de soja representou 154 milhões de toneladas.

Este *Texto para Discussão* mostra a importância da produção de soja no desenvolvimento econômico brasileiro. Foram estudados três blocos de dados: i) cadeia produtiva e valor agregado da soja; ii) índices regionais de produção e desenvolvimento humano; e iii) comércio internacional e segurança alimentar. O estudo desmitifica três pontos. O primeiro é acreditar que a produção de soja gera baixo valor agregado. Essa afirmação é falsa, uma vez que a soja é um insumo estratégico em diversas cadeias produtivas. O segundo é achar que o crescimento da produção de soja tem pouco efeito no desenvolvimento local. A dinâmica produtiva do setor é capaz de atrair cada vez mais população e trabalho especializado, bem como incorporar ciência e tecnologia. O terceiro mito é imaginar que o aumento das exportações prejudica a segurança alimentar do país. Este fato não foi observado ao longo do tempo pela alta do consumo *per capita* dos diversos produtos alimentícios derivados da cadeia da soja, mesmo com a ampliação das exportações no mercado internacional.